

## TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES NA FORMAÇÃO DOCENTE: rompendo o silenciamento da corporeidade

Roberta Monserrat Rosa de Oliveira<sup>1</sup>

Luciane Medeiros de Souza Conrado<sup>2</sup>

Leonardo Monteiro Trotta<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga o papel das tecnologias digitais como instrumentos mediadores na formação continuada de professores, com foco na valorização da corporeidade nos anos finais do Ensino Fundamental. O objetivo foi analisar como plataformas digitais de interação e compartilhamento podem atuar como dispositivos de escuta ativa e reflexão crítica, auxiliando os docentes a superarem a visão dualista que historicamente imobiliza e silencia o corpo no espaço escolar. A metodologia fundamenta-se na pesquisa-ação de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de oficinas formativas com 10 professores de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro. Como recursos de mediação, foram utilizadas ferramentas como Mentimeter, Padlet e Google Forms. Os resultados indicam que, longe de promover o isolamento técnico, a interface digital atuou como uma extensão expressiva da presença corporal, possibilitando a materialização de subjetividades, o reconhecimento de dores institucionais e a construção coletiva de novas intencionalidades pedagógicas voltadas à aprendizagem integral.

**Palavras-chave:** Tecnologias Digitais; Corporeidade; Formação Continuada Docente; Pesquisa-ação.

<sup>1</sup> Mestra em Novas Tecnologias Digitais na Educação pelo Centro Universitário UniCarioca (2026). Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998). Especialização em Metodologia da Técnica Desportiva. Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica em Ed. Fís. Escolar. Atualmente é Professora I da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ). Possui sólida trajetória profissional na Associação Cristã de Moços (ACM), onde atuou de 1994 a 2022. Entre 2008 e 2017, atuou em Vilas Olímpicas vinculadas à Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), acumulando vasta experiência em projetos de esporte, lazer e inclusão. Desde 2018, dedica-se à gestão escolar no cargo de Coordenadora Pedagógica, desenvolvendo trabalhos voltados à articulação curricular e práticas pedagógicas.

<sup>2</sup> Cientista Social, Jornalista, Atriz, Diretora de Produção com sólida trajetória acadêmica e profissional nas áreas de Artes, Comunicação e Ciências Sociais. Doutora em Letras, Mestre em Ciências da Arte e Pós-Doutora em História da Arte, com atuação estratégica em projetos socioculturais, educativos e de economia criativa. Ao longo de mais de 20 anos, liderou iniciativas de grande impacto em produção cultural, planejamento de marketing, gestão de eventos e consultoria institucional. Experiência como professora universitária e coordenadora de MBA em Produção e Gestão Cultural, orientando projetos técnicos e acadêmicos. Atua como consultora da Unesco na Secretaria de Economia Criativa e Ações Estratégicas (SECAE), Prefeitura de Niterói, gerenciando o eixo de economia criativa e desenvolvendo diagnósticos culturais. Diretora de Produção da Renato Vieira Cia de Dança e pesquisadora em Arte e Carnaval, integra equipes multidisciplinares com foco em inovação, inclusão e sustentabilidade cultural. Reconhecida por sua capacidade de articulação entre arte, educação e políticas públicas, com forte habilidade em liderança, comunicação estratégica e gestão de equipes. É autora do livro Descomplicando a Produção Cultural: um guia para artistas, gestores e produtores.

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Educação/UERJ. Doutorado e Mestrado em Ciência da Literatura/Poética pela UFRJ. Graduação em Educação Artística com licenciatura em História da Arte pela UERJ. Professor das redes públicas do Rio de Janeiro: SME/RJ e SEEDUC/RJ. De 2011 a 2017 foi Diretor Regional Pedagógico na Metropolitana VI/SEEDUC/RJ. Em 2018 foi coordenador de avaliação na diretoria regional Baixadas Litorâneas/SEEDUC/RJ. No ensino superior tem experiência nas áreas de História da Arte, Administração, Design, Literatura, Educação e Gestão Pública. Atualmente é professor da Unicarioca nos cursos de Design e Pedagogia. Professor no curso de Mestrado e Doutorado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação/Unicarioca. Agente de Acompanhamento em Gestão Escolar pela SEEDUC/RJ. Autor de material didático SEEDUC/RJ, SME/RJ e FGV/RJ.

## DIGITAL TECHNOLOGIES AS MEDIATING INSTRUMENTS IN TEACHER EDUCATION: breaking the silencing of corporality

**Abstract:** This article investigates the role of digital technologies as mediating instruments in in-service teacher training, focusing on the valuation of corporality in the final years of Elementary Education. The objective was to analyze how digital platforms for interaction and sharing can act as devices for active listening and critical reflection, helping teachers overcome the dualistic view that historically immobilizes and silences the body in the school space. The methodology is based on qualitative action research developed through training workshops with 10 teachers from a Municipal School in Rio de Janeiro. Mentimeter, Padlet, and Google Forms were used as mediation resources. The results indicate that, far from promoting technical isolation, the digital interface acted as an expressive extension of bodily presence, enabling the materialization of subjectivities, the recognition of institutional pain, and the collective construction of new pedagogical intentionalities aimed at holistic learning.

**Keywords:** Digital Technologies; Corporeality; In-Service Teacher Training; Action Research.

### 1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional recente, a escola tem sido frequentemente tensionada a responder a demandas de alta produtividade intelectual e ao alcance de metas quantitativas de aprendizagem. Sob essa lógica de fundo cognitivista, consolidou-se historicamente uma estrutura que tende a tratar a mente e o intelecto como prioridades absolutas, relegando o corpo à condição de mero acessório biológico ou suporte para a locomoção dos sujeitos. Essa lógica disciplinar, como demonstra Foucault (2014, p. 132), opera sobre os corpos tornando-os dóceis e produtivos: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Tal herança se manifesta de forma acentuada nos anos finais do Ensino Fundamental — período marcado por profundas transformações biológicas e hormonais dos estudantes —, no qual a organização escolar impõe rotinas de confinamento e imobilidade nas carteiras ao longo de longas jornadas diárias.

Diante dessa questão, a presente investigação — originada a partir de uma experiência em uma Escola Municipal situada na zona norte do Rio de Janeiro — buscou propor caminhos de superação para o imobilismo curricular. A delimitação do objeto de estudo fez emergir um elemento central: para que a corporeidade do estudante seja valorizada em sala de aula, é necessário que o professor seja, primeiramente, sensibilizado em relação ao seu próprio corpo e às potencialidades do movimento na mediação do saber. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2018) compreende o corpo como o próprio veículo pelo qual o ser se situa no mundo, sendo por meio dele que o sujeito percebe, se relaciona e constrói

conhecimento — perspectiva que fundamenta a necessidade de uma formação docente que reconheça a dimensão corporal como constitutiva do ato pedagógico.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar o uso das Tecnologias Digitais (TD) não como objetos finais de ensino direcionados aos alunos, mas como instrumentos mediadores da formação docente. Busca-se compreender como ferramentas de interação síncrona e assíncrona — tais como o Mentimeter, o Padlet e o Google Forms — podem atuar como canais de escuta ativa e expressão subjetiva, favorecendo o deslocamento conceitual dos professores em direção a uma educação de corpo inteiro.

A relevância deste estudo reside na desconstrução da falsa dicotomia entre tecnologia educacional e corporeidade. Demonstra-se que, quando integrados de forma intencional e reflexiva à formação de professores, os recursos digitais não anulam a presença física; ao contrário, atuam como pontes que conferem visibilidade ao “corpo vivo” e contribuem para a construção de metodologias ativas capazes de ressignificar o cotidiano escolar.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O CORPO VIVIDO E A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA EM MERLEAU-PONTY

Para romper com a tradição cartesiana que cinde o ser humano entre *res cogitans* (espírito pensante) e *res extensa* (corpo mecânico), a fenomenologia de Merleau-Ponty (2018) assume papel referencial incontornável. O filósofo defende que o sujeito não “possui” um organismo físico como instrumento destacável de sua consciência — o ser humano é o seu próprio corpo. É por meio do “corpo próprio” ou “corpo vivido” que nos situamos no espaço, interagimos com os outros e estabelecemos nossa inserção originária e intencional no mundo (ser-no-mundo). O conhecimento, portanto, não se processa de forma puramente abstrata, mas nasce de uma experiência sensível, perceptiva e motora encarnada.

Ao transportarmos essa perspectiva para o campo das tecnologias digitais, abre-se espaço para compreender os dispositivos técnicos sob um viés fenomenológico. Merleau-Ponty (2018) discute como instrumentos integrados ao hábito — a exemplo da bengala do cego — deixam de ser objetos externos e passam a funcionar como extensões do próprio corpo expressivo, ampliando sua capacidade de tocar e perceber o ambiente. De modo

análogo, as ferramentas digitais utilizadas na formação docente não devem ser concebidas como barreiras que desumanizam ou desincorporam o sujeito, mas como instrumentos de mediação que estendem o potencial comunicativo do corpo expressivo, permitindo-lhe registrar, visualizar e compartilhar suas marcas subjetivas em novos espaços de convivência virtual.

## 2.2 A ANATOMIA POLÍTICA E AS RESISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Contrapondo-se à potência do corpo vivo, Foucault (2014) detalha os mecanismos sociais que operam em sentido inverso por meio do poder disciplinar, analisando como instituições modernas — entre elas a escola — organizam uma anatomia política baseada na coerção, na distribuição rígida do tempo e do espaço e no controle minucioso dos gestos e posturas, com o objetivo de fabricar corpos submissos e dóceis.

No cotidiano escolar, essa lógica disciplinar não captura apenas os estudantes; ela enquadra e esgota igualmente a corporeidade do professor, que absorve as pressões por produtividade intelectual, metas de desempenho e vigilância institucional. Como apontam López-López e Galdino (2020), o professor carrega em sua trajetória um corpo historicamente silenciado e tensionado, o que dificulta tanto a escuta de si mesmo quanto a validação do movimento do aluno em sala de aula.

Nesse contexto, a formação continuada apoiada em metodologias ativas e tecnologias de colaboração digital emerge como uma estratégia de resistência pedagógica. Em consonância com as formulações de Freire (2017) acerca de uma educação emancipatória e humanizadora, o processo educativo exige o reconhecimento do sujeito em sua integralidade. O uso das tecnologias digitais como ferramentas dialógicas possibilita a criação de fissuras na rigidez institucional, transformando telas e murais virtuais em territórios de escuta e partilha, nos quais o professor pode ressignificar sua prática pedagógica e construir caminhos para uma aprendizagem integral.

## 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa e natureza applied, estruturada de modo a articular, de forma indissociável, a

|                                                                                                                                 |                                                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098<br><b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>                    | 2026 - Vol. 17 - Número 2                                              |
| <a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a> | <a href="mailto:rev.edu.cult@cesg.edu.br">rev.edu.cult@cesg.edu.br</a> |

investigação teórica e a intervenção prática no contexto educacional. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender e, simultaneamente, transformar as percepções e as práticas de um grupo de professores a partir de suas próprias realidades vividas.

O campo de estudo foi uma escola municipal de turno único localizada na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro, que atende exclusivamente aos anos finais do Ensino Fundamental II. Participaram da pesquisa 10 professores voluntários de diferentes componentes curriculares — Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, Geografia e Educação Física —, com perfil marcado por sólida senioridade profissional: 70% do grupo acumula mais de 20 anos de experiência no magistério. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com os preceitos éticos vigentes.

A intervenção estruturou-se em uma formação continuada organizada em três encontros formativos realizados em novembro de 2025, integrando momentos virtuais — via plataforma de videoconferência — e presenciais, no espaço físico da escola, desenvolvidos fora do horário regular de trabalho dos participantes. A dinâmica metodológica seguiu o ciclo espiral da pesquisa-ação (escutar, vivenciar, sistematizar e avaliar), com a utilização de três plataformas digitais como principais instrumentos de mediação pedagógica e coleta de dados qualitativos:

**Mentimeter:** utilizado de forma síncrona no primeiro encontro para capturar as percepções imediatas e os núcleos de sentido dos docentes acerca do corpo no espaço escolar;

**Padlet:** adotado no segundo encontro como mural digital colaborativo assíncrono para o registro criativo — textual e imagético — do “corpo que ensina” e das emoções docentes;

**Google Forms:** aplicado ao encerramento do terceiro encontro como questionário estruturado e reflexivo, contendo perguntas abertas e fechadas para a sistematização final das percepções do grupo.

Os dados gerados nas plataformas virtuais, as transcrições parciais das discussões orais e os registros em diário de campo da pesquisadora foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), estruturada nas seguintes fases: pré-análise (leitura

flutuante), exploração do material (codificação e categorização por afinidade semântica) e tratamento interpretativo à luz do referencial teórico adotado.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa-ação revelou que a mediação pelas Tecnologias Digitais (TD) desempenhou um papel central na emergência, visibilização e ressignificação da corporeidade no contexto da formação docente. Para além de meros suportes operacionais ou de transmissão de conteúdo, as plataformas digitais Mentimeter, Padlet e Google Forms atuaram como instrumentos dialógicos e reflexivos. Elas permitiram romper com o silenciamento histórico imposto aos corpos no ambiente escolar e favoreceram a manifestação da subjetividade, das dores institucionais e das perspectivas pedagógicas dos professores participantes.

Nesta seção, apresentam-se as reflexões e os achados da investigação, organizados a partir das experiências vivenciadas nos encontros formativos e articulados com o referencial teórico que fundamenta este estudo.

### 4.1 MENTIMETER E A VISIBILIDADE DAS TENSÕES CORPORAIS NA ESCOLA

No primeiro encontro formativo, realizado de forma virtual, a pesquisadora propôs aos docentes a construção de uma nuvem de palavras síncrona por meio da plataforma Mentimeter, disparada pela seguinte proposição: “Quando penso em corpo na escola, penso em...”. O resultado dessa mediação técnica revelou, de imediato, um panorama terminológico ambivalente, cujas maiores recorrências concentraram-se nos termos Movimento, Agitação, Força e Disciplina.

A partir da interface digital, operou-se um importante “gesto de presença”. Embora os professores estivessem fisicamente distanciados e demonstrassem comportamento inicial de baixa interação oral — decorrente do cansaço crônico após a jornada de trabalho —, a facilidade de inserção de termos via dispositivos móveis rompeu com o silenciamento, permitindo que suas percepções subjetivas ganhassem projeção visual imediata na tela compartilhada.

A análise das palavras mais recorrentes evidencia a coexistência de duas racionalidades pedagógicas em constante conflito no cotidiano escolar. Por um lado, o grupo reconhece o corpo em sua dimensão dinâmica e vital (movimento, força, brincadeira). Por outro, a emergência imediata de termos como agitação e disciplina aponta para a persistência de uma visão em que a movimentação corporal do estudante é interpretada como elemento de desordem ou desvio a ser contido. A agitação é percebida como sintoma da inadequação entre o ímpeto do corpo adolescente e as exigências institucionais de imobilidade, conforme verbalizado por uma professora participante da formação: “É muito difícil para um aluno de 12 anos conseguir ficar sentado quatro horas e meia. A metodologia ainda é a mesma, senta e aprende, que eu vou escrever no quadro. Não conseguem.”

Sob a perspectiva de Merleau-Ponty (2018), essa agitação descrita pelos docentes não reflete indisciplina pura, mas a necessidade vital do sujeito-aluno de expressar e habitar o espaço escolar em sua integralidade. A tecnologia digital do Mentimeter funcionou, portanto, como um espelho crítico: ao tabular coletivamente os dados, forçou os docentes a visualizarem o abismo entre os métodos tradicionais de imobilização e as necessidades orgânicas dos estudantes, deslocando o foco da cobrança por resultados para a compreensão do ser real por trás da nota.

#### 4.2 PADLET E A EXTERNALIZAÇÃO DO "CORPO QUE ENSINA"

No segundo encontro, a formação continuada propôs uma “Vivência de Percepção Corporal” na qual os professores foram conduzidos, por meio de mediação vocal suave na videoconferência, a fecharem os olhos e tomarem consciência de suas próprias posturas, gestos ao explicar um conteúdo, trejeitos e cargas físicas acumuladas. A intenção da atividade foi promover uma reflexão sobre como os docentes percebem seus próprios corpos. Na sequência, os participantes foram orientados a realizar um registro reflexivo e individual no mural digital Padlet, utilizando palavras, frases ou representações imagéticas para responder à seguinte questão: “Com base na vivência, como você percebe o papel do seu corpo no ensino?”.

O mural interativo gerado atuou como dispositivo potente para desvelar o corpo docente, historicamente invisibilizado nas estruturas educacionais. A mediação assíncrona

do Padlet permitiu que os professores materializassem sentidos profundos sobre o “corpo vivo”, organizados nas seguintes categorias analíticas de núcleo semântico:

**O corpo como linguagem e forma de comunicação:** expressa nos registros coletados na formação — “O corpo fala” e “Ele fala e mostra como me sinto” —, evidenciando a compreensão de que os gestos e a postura do professor são signos que antecedem a emissão verbal e constroem o vínculo com o aluno. O gesto não é mero acessório do discurso — ele encarna o ser-no-mundo do educador;

**O corpo como expressão das emoções docentes:** categoria em que se manifestaram as dores e as pressões institucionais vivenciadas pelos professores enquanto sujeitos da ação, como ilustrado em outros registros coletados na formação — “Acho que eu demonstro preocupação” e “Fico tensa e preocupada em cumprir o planejamento do dia e sobreviver”.

Essas marcas deixadas no Padlet revelam que a cobrança exaustiva por indicadores educacionais recai diretamente sobre a saúde e a corporeidade do docente, gerando um estresse somatizado que enrijece seus movimentos em sala de aula.

A tecnologia do mural colaborativo, contudo, permitiu ressignificar essa condição ao conferir publicidade ao fato de que as tensões corporais constituem um fenômeno coletivo e compartilhado. Ao lerem os desabafos uns dos outros, os professores passaram a reconhecer o corpo docente como instrumento estratégico de engajamento pedagógico: “Quando o professor se movimenta pela sala, os alunos prestam mais atenção”, pontuou um dos professores participantes, conectando a ocupação física do espaço de aula ao sucesso da interação mediadora.

#### 4.3 GOOGLE FORMS E O GESTO DE TRANSFORMAÇÃO PRESENCIAL

O terceiro encontro marcou a transição do ambiente virtual para o espaço físico da escola, culminando em uma roda de diálogo com duração aproximada de 1 hora e 45 minutos. O encerramento da intervenção deu-se por meio do preenchimento individual de um questionário semiestruturado e reflexivo via Google Forms, acessado pelos docentes em seus próprios dispositivos móveis.

A cena dos professores reunidos em torno da mesa, imersos em seus dispositivos móveis para responder ao formulário digital, representa o fechamento metodológico da

|                                                                                                                                 |                                                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098<br><b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>                    | 2026 - Vol. 17 - Número 2                                              |
| <a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a> | <a href="mailto:rev.edu.cult@cesg.edu.br">rev.edu.cult@cesg.edu.br</a> |

pesquisa-ação e sintetiza o conceito de “gesto de transformação”: o uso da interface tecnológica não promoveu o isolamento ou o afastamento dos corpos; ao contrário, sucedeu um intenso momento de copresença física e serviu como instrumento preciso para que os professores materializassem, systematizassem e fixassem suas reflexões sobre a corporeidade no ambiente escolar.

Os dados tabulados pelo Google Forms explicitaram a contradição central da cultura escolar: enquanto 100% dos docentes afirmaram que o corpo pode ser reconhecido como parte do processo de aprendizagem em qualquer disciplina, esse mesmo percentual declarou enfrentar desafios e dificuldades estruturais para inserir atividades que valorizem a corporeidade no ensino. A totalidade dos participantes apontou que o tamanho reduzido das salas de aula e a disposição rígida das carteiras interferem negativamente no movimento, ao passo que 80% identificaram a falta de tempo didático como barreira limitante.

Essa convergência de dados qualitativos comprova que o impedimento prático para uma educação de corpo inteiro não decorre de uma suposta falta de interesse dos professores, mas das amarras materiais de uma escola que opera sob a lógica de controle descrita por Foucault (2014). A mediação tecnológica final permitiu conferir rigor analítico e científico a esse desabafo coletivo, validando a necessidade urgente de novos recursos pedagógicos e metodológicos direcionados a subsidiar práticas de pausas ativas e movimentos possíveis mesmo em espaços restritos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa-ação permitiu concluir que as tecnologias digitais desempenham papel de alta relevância quando assumidas como instrumentos mediadores na formação de professores. Longe de representar um fator de distanciamento físico ou desincorporação abstrata, o uso intencional e reflexivo de plataformas como o Mentimeter, o Padlet e o Google Forms ofereceu canais sensíveis e ágeis para a emersão das vozes, subjetividades e angústias dos professores enquanto sujeitos da ação educativa.

Os recursos tecnológicos permitiram visibilizar o paradoxo que habita o cotidiano escolar: o reconhecimento unânime da importância da corporeidade para o desenvolvimento integral do estudante, contraposto a uma engrenagem institucional que

insiste em silenciar, docilizar e imobilizar os corpos de alunos e professores. A construção da nuvem de palavras síncrona e a organização do mural colaborativo virtual funcionaram como espelhos que desnaturalizaram a rigidez metodológica tradicional e abriram caminhos para que a agitação juvenil passasse a ser compreendida como necessidade vital de movimento e expressão.

O gesto dos docentes ao preencherem o questionário digital em copresença física simboliza, por fim, a superação da dicotomia entre técnica e sensibilidade. Fica demonstrado que a tecnologia digital, quando despida de um caráter meramente prescritivo e utilizada como ferramenta dialógica — nos termos freireanos de uma educação emancipatória e humanizadora —, potencializa o deslocamento conceitual do docente, oferecendo sustentação para que o professor reconheça seu próprio corpo que ensina e construa práticas pedagógicas mais humanas, integradoras e conectadas à totalidade do ser humano.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LÓPEZ-LÓPEZ, Mariana Alonso; GALDINO, Graciele Ribeiro. A potência do corpo e da corporeidade nas práticas e vivências educativas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 119-140, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.45830>. Acesso em: 27 jul. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.